



doi: 10.20396/rfe.v11i1.8656632

A produção sobre corpo em revistas da educação: uma análise epistemológica

Tadeu João Ribeiro Baptista¹

Resumo:

O corpo é o tema que é discutido há muito tempo em várias áreas. Assim, o objetivo deste texto foi analisar os paradigmas epistemológicos dos artigos sobre corpo publicados em revista classificadas como A-1 no WebQualis na Área da Educação. Foi realizada uma análise documental a partir da Matriz Paradigmática. A análise foi composta por uma parte quantitativa e outra mais qualitativa que permitiu identificar os paradigmas de cada texto. Os resultados demonstram que das matrizes analisadas, o movimento Pós-Moderno responde por 50% do total de publicações. Isso demonstra uma tendência de movimento diferente do que era previsto inicialmente.

Palavras-chave: Corpo. Cienciometria. Educação.

Abstract

The body is the theme that has been discussed in several areas. Thus, the aim of this text was to analyze the epistemological paradigms of the articles on body published in journals classified as A-1 in WebQualis in the Education Area. A documentary analysis was made from the Paradigmatic Matrix. The analysis was composed of a quantitative and a qualitative part that allowed to identify the paradigms of each text. The results show that of the analyzed matrices, the postmodern movement accounts for 50% of all publications. This shows a trend of movement different from what was initially predicted.

Keywords: Body. Scientometry. Education.

¹ Universidade Federal de Goiás

Introdução

Em algumas áreas do conhecimento, o debate sobre os significados do corpo humano é bastante expressivo. As discussões sobre o tema tendem a ser candentes nos campos da antropologia (MAUSS, 2013); na filosofia (PLATÃO, 2005) na Sociologia (BOURDIEU, 1999; LE BRETON, 2010), entre outros campos das ciências humanas e sociais. O foco nestas áreas científicas se dá pelo fato de as análises realizadas do ponto de vista das ciências biológicas sempre tenderem aos aspectos anatômicos e fisiológicos.

Entre as várias áreas com debate neste tema, a Educação tem se constituído como um campo importante de disputa. A reflexão a respeito dos aspectos naturais, sociais e culturais da humanidade, a maneira como o ser se põe frente à natureza, a afinidade do corpo com os processos de ensino e aprendizagem e, o desenvolvimento da denominada educação do corpo na escola e em outros espaços, são elementos importantes de ponderação.

Esta produção na Educação se manifesta na forma de livros e seus capítulos (ASSIS; GONÇALVES, 2016; GOBBO, 2017), em artigos (MOGARRO, 2018; BOOM, 2012), trabalhos em anais (ANDRADE; SILVA, 2017), sendo estes alguns exemplos de como a produção sobre o corpo tem dialogado com diferentes temas neste campo.

Esta produção é elaborada de diferentes lugares teóricos, os quais se organizam com base em diferentes autores, análises, metodologias, procedimentos e instrumentos que definem, explícita ou implicitamente, os paradigmas epistemológicos de cada pesquisa, sejam elas comunicadas como trabalhos originais (com dados primários, empíricos), revisões de literatura ou trabalhos teóricos (que elaboram determinadas premissas a partir de uma literatura de referência).

Estes lugares teóricos ainda que não tenham a intenção de construir caixas separadas, reducionismos, demonstram características que lhe são próprias, porquanto, os diferentes processos de construção do saber e do conhecimento se organizam a partir das visões de mundo, de ser humano,

bem como, das concepções de corpo. Trabalhamos com a ideia de concepção a partir da compreensão de Thomas Reid (apud PICH, 2010, p. 144).

[...] “concepção” é uma ação, e essa só pode provir de algo que é “vivo” e “ativo”. “Concepção” supõe um “poder no ente que [a] opera” [...]. Uma “concepção” como ato de conceber é uma “coisa na mente” porque esta é o seu sujeito em todo e qualquer indivíduo – um sentido básico da diferença entre [...] ter a mente como sujeito e não a ter como sujeito. Conceber uma coisa exterior é, de pronto, ter na mente uma operação cujo sujeito portador, pois, é a própria mente e cujo objeto é a coisa exterior.

Dessa forma, compreende-se que apresentar a concepção de corpo é considerar a pessoa como sendo ativa no processo de conhecer, analisar e se expressar. Assim, os textos do campo da Educação apresentam concepções de corpo, as quais estão vinculadas a diferentes paradigmas epistemológicos, cujas ênfases se apresentam nas suas características ao longo de todo o texto, dentro de um processo de busca da reconstrução da totalidade.

No processo de “reconstrução da totalidade”, advertimos que função [...] das categorias analíticas utilizadas e derivadas das correntes filosóficas, identificadas em estudos anteriores, tais como as abordagens, empírico-analíticas, fenomenológico-hermenêuticas, crítico dialética e pós-modernas, não consiste em fixar esquemas para “encaixar a realidade” em forma ou classificações prefixadas, mas como elementos construtores de teorias ou de referências que indagam e instrumentalizam a tensão crítica sobre a prática científica em análise (SACARDO; SILVA; SÁNCHEZ GAMBOA, 2015, p. 85).

Buscando reconstruir a totalidade em trabalhos sobre o corpo nas Revistas da Educação, esta pesquisa tem por problema saber: quais são os paradigmas epistemológicos usados em artigos sobre o corpo em Revistas A-1 da área da Educação de acordo com o WebQualis?

Este artigo será dividido em três partes. Na primeira, serão apresentadas algumas características de cada paradigma epistemológico e como o corpo é visto a partir de autores clássicos. No segundo, será demonstrada a metodologia da pesquisa e, em terceiro, os principais resultados identificados.

1. Paradigmas Epistemológicos: Pesquisa e Corpo

Quando se discute o corpo, várias são as análises que podem ser construídas. Os debates sobre as concepções advêm de vários momentos da história e podem seguir várias trajetórias. Alguns autores sistematizaram estas análises por momentos históricos, ou de acordo com os principais pensadores do tema (GONÇALVES, 1994; MEDEIROS, 1998), ou ainda dialogando sobre a quase permanente cisão entre corpo e mente (ZOBOLI, 2012).

Todavia, a proposta deste texto, é analisar as concepções de corpo dentro dos paradigmas empírico-analítico (Positivista); Fenomenológico-Hermenêutico (Fenomenológico); Crítico-Dialético (Materialismo Dialético)² e no Movimento Pós-Moderno (Pós-Estruturalista ou Pós-Crítica), a partir dos autores, considerados precursores destes paradigmas e que trazem em algumas das obras, o debate sobre o corpo.

² Aqui se está fazendo as aproximações a partir das propostas de Sacardo; Silva; Sánchez Gamboa (2015) e aquelas apresentadas por Triviños (1987), por entender que há uma correspondência em relação aos paradigmas. Do ponto de vista do movimento pós-moderno e a relação entre as perspectivas pós-estruturalistas e o giro linguístico, sugere-se a leitura de Chaves-Gamboa; Sánchez Gamboa e Taffarel (2017). Neste caso, será usado ao longo do texto, os termos Positivismo, Fenomenologia, Materialismo Dialético e Pós-Moderno.

1.1. O corpo orgânico na perspectiva Positivista

Realizar o debate do corpo com a perspectiva Positivista (empírico-analítica) é pensa-lo na dimensão de um objeto que deve ser tratado como algo distinto e distante do pesquisador. É dizer de um organismo ou de uma máquina perfeita como se apresenta em alguns livros de áreas das ciências biológicas, como é o caso da fisiologia (GUYTON, 1985).

Entretanto, pretende-se aqui, retroceder mais do ponto de vista temporal, apresentando, primeiro, algumas características do método com Durkheim (2007) e depois, apresentando algumas visões de corpo nesta perspectiva com Comte (1978). A intenção, é lidar com os fundamentos clássicos de cada paradigma, com o objetivo de esclarecer as visões existentes, apesar de compreender os desdobramentos dentro dos critérios de pesquisa e de concepções de corpo.

Logo, não é possível entender o Positivismo sem compreender alguns dos princípios de pesquisa que lhe são peculiares. Sem haver aqui a intenção de esgotar o tema, ao mesmo tempo que se corre o risco de ser repetitivo face a outras produções, pretende-se apresentar algumas de suas características centrais de cada método para, em seguida, estabelecer um debate a respeito do corpo neste paradigma epistemológico.

Quando se dialoga sobre o método Positivista, o desenvolvimento do processo se deu de maneira mais específica com Émile Durkheim (1858-1917). Como um seguidor das ideias de Auguste Comte (1798-1857), Durkheim foi um pensador que conseguiu sistematizar a Sociologia como campo de conhecimento, assim como, propôs a organização de seu método científico.

Um primeiro ponto é entender que a pesquisa sociológica só acontece, a partir do que será denominado de fato social.

É fato social toda maneira de fazer fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade

dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, [...] (DURKHEIM, 2007, p. 13).

O fato social possui uma característica geral. Dentro de uma determinada sociedade, possui existência própria e, ao mesmo tempo, contribui para exercer uma pressão externa sobre o indivíduo, de tal maneira que ela se sobrepõe às manifestações individuais. Logo, pensar o corpo em seu componente orgânico, no modelo adotado como belo ou saudável em um agrupamento humano definido no tempo/espço, pode ser considerado um fato social normal. Este aspecto está relacionado ao que se pode denominar também de validade externa ou generalização dos fatos, haja vista, a possibilidade de cada fato social apresentar características inerentes a todas as sociedades.

Outro aspecto relevante a respeito do fato social destacado por Durkheim (2007, p. 15) é “[...] considerar os fatos sociais como coisas”. Aqui fica evidenciada uma outra característica do modelo Positivista de ciência: a objetividade. Essa objetividade do ponto de vista das ciências sociais é, provavelmente, mais delicada do que nas ciências naturais, pois, estas têm a possibilidade de usar instrumentos capazes de aferir cada fenômeno com maior precisão. Assim, é possível apresentar alguns elementos importantes para se garantir a objetividade pretendida no método. De acordo com Durkheim (2007):

- “É preciso descartar sistematicamente todas as prenoções [...]. Aliás, ela é a base de todo método científico. A dúvida metódica de Descartes, no fundo, não é senão uma aplicação disso” (p. 32).
- “Para que ela [a Sociologia] seja objetiva, é preciso evidentemente que exprima fenômenos, não em função de uma ideia do espírito, mas de propriedade que lhe são inerentes” (p. 35).
- “Jamais tomar por objeto de pesquisas senão um grupo de fenômenos previamente definidos por certos caracteres exteriores que lhes são comuns, e [...] todos os que correspondem a esta definição” (p. 36).

Durkheim se preocupa em analisar os fatos sociais pela objetividade, evitando a subjetividade e as prenoções que podem comprometer uma pesquisa sociológica séria. Observar os fatos sociais significa ficar atento ao exterior que determina os predicados dos fenômenos. Finalmente, tem-se o foco no aspecto da causalidade.

A menos que se admita que um mesmo fenômeno possa ser devido ora a causa, ora a uma outra, isto é, a menos que se negue o princípio de causalidade, as causas que imprimem num ato, mas de maneira anormal, o sinal distintivo do crime não poderiam diferir em espécie das que produzem normalmente o mesmo efeito [...] (DURKHEIM, 2007, p. 41).

A causalidade é importante para a análise dos objetos considerando as nítidas determinações de causa e efeito em uma sociedade que se explica por leis gerais, tal e qual acontece na física. Não é por menos, que Comte (1978) em seu *“Curso de Filosofia Positiva”* tende a chamar de *“física social”* o que, posteriormente, Durkheim (2007) vai chamar de *“Sociologia”*. São as relações e a diferença entre os fatos sociais normais e patológicos que dão à causalidade, à objetividade (validade interna) e à generalização (validade externa), tanta força em relação ao método proposto por estes autores.

A partir deste método, o corpo tem que se apresentar por meio de sua estrutura natural, próxima das ciências duras (química, física, biologia). Vale mencionar que a discussão encontrada em Comte sobre o corpo está predominantemente no texto sobre o *“Catecismo Positivista”* (COMTE, 1978), um livro no qual se discute entre outros aspectos a questão da alma, da moral e também do corpo. Aqui

[...] cumpre distinguir, em cada verdadeiro servidor da humanidade, duas existências sucessivas: uma, temporária, mas

direta, constitui a vida propriamente dita; a outra, indireta, mas permanente, só começa depois da morte.

Sendo a primeira sempre corporal, pode ser qualificada de objetiva; sobretudo por contraste com a segunda, que, não deixando subsistir a cada um senão no coração e no espírito de outrem, merece o nome de subjetiva (COMTE, 1978, p. 330).

A discussão apresenta um debate sobre a objetividade e a subjetividade do ser. Por um lado, a finitude e condição objetiva expressa pelo corpo; por outro; a subjetividade expressa pela imortalidade que se caracteriza por funções morais e intelectuais que ficam marcadas, não no próprio indivíduo, mas, pela sua presença na vida de outras pessoas.

A vida corporal objetiva, poder-se-ia dizer, biológica, natural, passa por diversas modificações que mesmo não alterando a essência física do homem, acabam por provocar alterações mais sutis. “A vida real oferece diariamente tantas nuances intermediárias entre estas duas situações [...] que todos esses casos devem seguir as mesmas leis essenciais, com simples diferenças de grau, como em relação às nossas funções corporais” (COMTE, 1978, p. 420).

A construção de um novo tipo de conhecimento, cujo foco é estudar o ser humano e as suas relações sociais, parte de uma visão das ciências naturais. Não é de se estranhar que a compreensão e o debate realizado se preocupem com as alterações morfológicas, funcionais, inerentes aos corpos e processos de vida humana. Por isso, pode-se identificar as aproximações, não apenas com as leis gerais da Física, mas, também, com a construção da ideia de sociedade por meio da própria perspectiva de vida da Biologia.

[...] o estudo sistemático da sociedade exige o conhecimento prévio das leis gerais da vida. *Com efeito, os povos sendo seres eminentemente vivos, a ordem vital domina necessariamente a ordem social, cujo estado estático e surto dinâmico ficariam profundamente alterados se nossa constituição cerebral, ou*

mesmo corporal, mudasse de modo notável [...]. É assim que a sociologia, instituída primeiro pela moral, institui, por sua vez, a Biologia, que aliás também apresenta relações diretas com a ciência principal [...]. Assim concebida, a biologia aprecia judiciosamente as funções corporais estudando as existências em que elas se acham espontaneamente isentas de toda complicação superior (COMTE, 1978, p. 433-434, grifo nosso).

Da maneira que é explicitado por Comte, a Biologia tem com a Sociologia, muita proximidade. Sendo a Biologia uma ciência de referência, inclusive na forma de olhar as mudanças corporais, pode indicar, inclusive, alterações nas regras sociais por meio da compreensão das leis da vida. Afinal, a biologia é capaz de explicar as funções corporais dos seres vivos.

Os seres vivos são necessariamente corpos, que, apesar da sua maior complicação, seguem sempre as leis mais gerais da ordem material, cuja preponderância imutável domina todos os fenômenos próprios deles, sem todavia anular nunca a espontaneidade dos mesmos (COMTE, 1978, p. 434).

Nesta perspectiva, infere-se que ser corpo é ser, antes de tudo, um organismo. Aqui lidando com a ideia de um organismo conforme é anunciado por Canguilhem (2005, p. 41): como “[...] a estrutura anatomo-fisiológica do ser humano”. Neste aspecto, a noção de corpo na avaliação Positivista depende muito do que é mensurável e das suas características gerais. “Com efeito, as necessidades contínuas oriundas de nossa constituição corporal impõem à Humanidade uma atividade material que domina o conjunto de sua existência” (COMTE, 1978, p. 474).

Comte (1978) entende as demandas naturais contínuas como constitutivas do ser em sua condição material, poder-se-ia dizer natural. Contudo, ela é dependente da existência de outros seres para atingir a sua plenitude. É na sociabilidade que ele identifica a excitação máxima, o mais

alto estímulo para o desenvolvimento da inteligência, habilidade corporal fundamental para a constituição individual e, porque não dizer, social. “Uma coincidência espontânea entre a plenitude de nosso desenvolvimento pessoal, tanto cerebral como corporal, e a terminação ordinária de nosso início social constitui assim nossa maturidade real” (COMTE, 1978, p. 477).

Enfim, a análise possível do corpo no Positivismo apresentada por Comte demonstra que “[...] o homem é o mais indivisível dos seres vivos, quem não estudar nele a alma e o corpo simultaneamente não formará a respeito dele senão noções falsas ou superficiais” (COMTE, 1978, p. 520).

1.2. A Fenomenologia e o ser corpo

O segundo paradigma epistemológico apresentado aqui é a Fenomenologia, a qual pode ser compreendida também a partir do que Sacardo, Silva e Sánchez Gamboa (2015) chamam de Fenomenologia-hermenêutica.

A Fenomenologia apresenta os seus principais alicerces de criação com o alemão Edmund Husserl (1859-1938). Este matemático e filósofo faz uma crítica à perspectiva Positivista de ciência e daí, estabelece os elementos necessários para este novo método. Serão analisadas aqui, algumas bases Fenomenológicas, a partir de sua obra “*A Ideia da Fenomenologia*” (HUSSERL, 1986).

Para se tratar a Fenomenologia, em primeiro lugar convém lembrar que ela se caracteriza por um estudo dos fenômenos. Contudo, o autor não se preocupava em apresentá-los a partir de sua aparência. É o exercício de identificar a essência das coisas, a partir de uma crítica da razão que move Husserl em sua tarefa de construção deste novo método.

Em um primeiro momento, deve-se considerar a crítica à dúvida metódica cartesiana. De acordo com Husserl (1986), seria necessário adotar a ideia proposta por Descartes de forma modificada, pois, ele não identificava, neste autor, os subsídios necessários para se chegar à essência dos fenômenos.

“A crítica do conhecimento, quer antes elucidar, clarificar, ilustrar a essência do conhecimento e a pretensão de validade que pertence à sua essência; que outra coisa significa isto senão *trazê-la a dar-se a si mesma* [...]” (HUSSERL, 1986, p. 57, grifo nosso). Aqui se pode entender a busca do que deveria almejar o conhecimento científico, identificar como o fenômeno, em sua essência, consegue dar a si mesmo, ou seja, demonstrar aquela característica, sem a qual, não se pode conhecer o objeto analisado. É possível seguir o raciocínio do autor por meio de uma crítica que se aprofunda.

Para a crítica, no seu começo, pode valer como dado nenhum conhecimento. Não lhe é, pois, permitido ir buscar seja o que for a nenhuma esfera de conhecimentos pré-científica; todo o conhecimento leva o índice de questionabilidade.

Sem conhecimento dado como ponto de partida, também não há conhecimento algum como continuação (HUSSERL, 1985, p. 58).

Aqui, é importante se destacar dois pontos. O primeiro, diz respeito à crítica ao conhecimento. Arguir o saber, pode significar a impossibilidade de a ciência ser apreendida. Contudo, se não há apreensão, toda informação pode ser interrogada, principalmente as noções postas antes do desenvolvimento dos métodos científicos. Desse modo, as tradições de senso comum (*doxa*), da teologia e da filosofia, podem ser questionadas.

Por outro lado, há a necessidade de um ponto de partida, um conhecimento a partir do qual a continuação de novos saberes seja possível. Pensando na necessidade deste ponto de partida que se constitui a imanência.

Deveria agora mostrar-se com maior precisão que a *imanência* deste conhecimento é que o qualifica para servir de primeiro ponto de partida da teoria do conhecimento; e que,

además, *graças a esta imanência*, está livre da qualidade de enigmático, que é a fonte de todas as perplexidades cépticas; e ainda, finalmente, *que a imanência em geral é o carácter necessário de todo o conhecimento teórico-cognoscitivo [...]* (HUSSERL, 1986, p. 58-59, grifos do autor.)

É interessante na análise apresentada, a condição de ponto de partida (imanência) dada para o conhecimento de senso comum, ou mesmo de um *nonsens*. Afinal, o saber não pode avançar se não se sabe de onde começar, pois, alcançar o conhecimento implica em fazer perguntas.

O processo de perguntar e responder se coloca no centro tanto da pedagogia como da reflexão filosófica e a análise epistemológica. As respostas tornaram-se saberes que poderão ser transmitidos, divulgados e socializados na forma de crenças ou conhecimentos ou submetidos a suspeita e à dúvida, criando a possibilidade de novas respostas (SANCHEZ GAMBOA, 2018, p. 137).

Existe a necessidade de uma pergunta para se alcançar a resposta³ e isso, dialogando com Husserl (1986), demanda a imanência, ou seja, o ponto de partida. Partindo da imanência, todo conhecimento tende a alcançar a transcendência. A transcendência é dada em dois sentidos.

Pode, por um lado, querer dizer que o objecto de conhecimento não está como ingrediente contido no acto cognitivo, de modo que por “dado no verdadeiro sentido” ou

³ Para Sanchez Gamboa (2018) existe uma diferença entre o conhecimento e o saber. O conhecimento, demanda a relação entre pergunta e resposta, um ir e vir, aquilo que Platão defendia em seu método geométrico. Por outro lado, o saber advém das respostas que já foram disseminadas, mas, as quais não são necessariamente acompanhadas por suas perguntas de origem. Deste modo, o saber, inclusive o saber científico, por exemplo a forma estrutural do DNA, já foi, em algum momento um novo conhecimento, haja vista, que a sua forma helicoidal foi pesquisada a partir de uma pergunta, ou seja, em algum momento, este saber, foi um conhecimento produzido.

“dado imanentemente”. O acto de conhecimento, a *cogitatio*, tem momentos ingredientes, que como ingredientes a constituem; mas a coisa que ela intenta e que supostamente percebe, de que se recorda, etc., encontra-se na própria *cogitatio* enquanto vivência, mas não inclusamente como fragmento, como algo que realmente nela existe (HUSSERL, 1986, p. 60, grifos do autor).

Neste primeiro sentido, aparentemente, o filósofo alemão demonstra os ingredientes presentes no objeto a ser analisado, os quais, não apenas partem do carácter imanente como, também, constituem a coisa por meio de percepções, recordações e do próprio raciocínio sobre características já existentes. Por outro lado:

É transcendente no segundo sentido todo o conhecimento não evidente, que intenta e põe o objectal (*das Gegenständliche*), mas não o intui ele mesmo. Nele vamos, *além do dado*, em cada caso no verdadeiro sentido, *além do que directamente se pode ver e captar* (HUSSERL, 1986, p. 61, grifos do autor).

Ainda que sejam necessários vários elementos para se chegar ao saber sobre a coisa mesma, esta deve se apresentar à consciência e, para tanto, é importante a realização de “[...] uma redução, que também já queremos chamar de *redução fenomenológica*, obtenho eu um dado (*Gegenbenheit*) absoluto, que já nada oferece de transcendência” (HUSSERL, 1986, p. 70, grifos do autor).

É por meio da redução fenomenológica que é possível apreender o dado da realidade, alcançando a transcendência e se constituindo um novo conhecimento. Pela redução fenomenológica se chega à essência das coisas.

Se nos ativermos à simples fenomenologia do conhecimento, trata-se nela da *essência do conhecimento*, patenteável, de modo

directo e intuitivo, isto é, trata-se, no âmbito da redução fenomenológica e da autopresentação, de uma patenteação intuitiva e separação analítica das múltiplas espécies de fenómenos que a vasta rubrica de “conhecimento” abarca (HUSSERL, 1986, p. 83, grifo do autor).

A essência do conhecimento, fim último da Fenomenologia, tem em si, uma série de elementos, como as evidências, os sentidos e as suas próprias contradições. Ela se constrói por meio de categorias, constituídas devido ao pensamento simbólico das pessoas, elaboradas por suas vivências, experiências, subjetividades e condições objetivas face à sua inserção grupal.

Neste contexto, é possível buscar aquilo que é a efetiva essência e como os objetos se dão.

Além disso, no que concerne ao dar-se das essências, constitui-se ela não simplesmente na base da percepção e da retenção com ela enlaçada – de modo que, por assim dizer, tira do próprio fenómeno um universal –, mas também de modo que universaliza o objecto que aparece e põe em relação a ele uma universalidade; [...]. O dar-se das essências extrai também, no mesmo sentido, destes actos universalidades que, por outro lado, não estão neles contidos como ingredientes (HUSSERL, 1986, p. 98).

É na busca dessa identificação, da forma como se manifesta este dar-se das essências e em seus elementos invariáveis, com as características manifestas nas subjetividades e nas universalidades dos fenômenos, serão apresentadas a seguir as reflexões centrais a respeito do corpo. Para fazer este diálogo, recorrer-se-á ao filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), em sua obra “*Fenomenologia da Percepção*”.

Assim, ele se expressa sobre o corpo e a consciência de sua existência.

[...] **se é verdade que tenho consciência do meu corpo através do mundo** [...], o termo não-percebido para o qual todos os objetos voltam sua face, [...] sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido **tenho consciência do mundo por meio de meu corpo** (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 122, grifo nosso).

O que se pretende destacar inicialmente em relação ao corpo, é o fato de se tomar consciência da existência corpórea, pela relação entre o corpo e o mundo. Sem esse vínculo, não se compreende a existência e a essência do corpo, pois, o “[...] corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 122).

Ainda que considerando o corpo como o veículo do ser no mundo, pode-se pensar que o corpo é algo para se ter. Entretanto, o autor apresenta uma perspectiva diferente ao afirmar:

Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, *ou antes sou meu corpo* [...]. Não contemplamos apenas as relações entre os segmentos de nosso corpo e as correlações entre o corpo visual e o corpo tátil: nós mesmos somos aquele que mantém em conjunto esses braços e essas pernas, aquele que ao mesmo tempo os vê e os toca [...]. *Não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte* (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 207-208, grifo nosso).

A afinidade com o próprio corpo não se constitui em um objeto físico, orgânico, como no positivismo, mas, a uma obra de arte. Afinal, o ser é seu corpo. Não há uma separação entre o pensar e o agir, executar e existir, tudo se dá por meio do veículo corporal, o corpo próprio de cada um.

Portanto, *sou meu corpo*, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. *Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto*, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 269. Grifo nosso).

Na experiência do corpo próprio, o ser humano se realiza em dada medida, ele interage e se mistura com o objeto. A construção de um ser total, alimentado na perspectiva do universo, da comunicação com o mundo. O corpo próprio é a experiência do sujeito, a sua reflexão e a sua realidade.

A realidade na Fenomenologia está, em certo sentido, revestida da construção do vínculo do ser com o mundo, ou talvez, do ser – corpo próprio – no mundo.

1.3. Materialismo Dialético e o corpo mercadoria.

A seguir serão apresentados os fundamentos da perspectiva Materialista Dialética⁴, também denominada por Sacardo, Silva e Sánchez Gamboa (2015) de crítico-dialética. Neste caso, o autor sobre o qual se apoiam as análises é Karl Marx (1818-1883), bem como seu amigo, Friedrich Engels (1820-1895).

Para iniciar a análise dos fundamentos do método, serão demonstrados aspectos que podem ser pertinentes para se compreender a situação do corpo. Assim, primeiro serão apresentadas as leis centrais da dialética.

⁴ Apesar de ser frequente entre vários autores o uso do termo Materialismo Histórico Dialético, neste texto, será adotado o termo Materialismo Dialético, entendendo que do ponto de vista científico, a tradição marxista da produção do conhecimento pressupõe a sua historicidade. Assim, compreende-se que há certa redundância em se adotar o termo Materialismo Histórico Dialético.

Reduzem-se elas, principalmente, a três:

- 1) A lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa;
- 2) A lei da interpenetração dos contrários;
- 3) A lei da negação da negação (ENGELS, 2000, p. 34).

Apesar de o próprio Engels (2000) admitir que a construção destas leis é atribuída a Hegel, ele parte do princípio que, mesmo em uma perspectiva Materialista, estas regras podem funcionar de modo coerente. Assim, ainda que partindo das aproximações com as ciências naturais, este filósofo alemão, demonstra que estas características também se aplicam às sociedades e seu desenvolvimento histórico.

Além dessas leis que baseiam a construção do Materialismo Dialético, existem do ponto de vista do método, alguns elementos a serem discutidos. Marx (2000) o faz, na *“Introdução à crítica da Economia Política”*, no qual, entre outros temas, ele trata o método da economia política. O primeiro deles é a passagem do abstrato ao concreto.

Parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva; [...]. No entanto, [...] isso é falso. [...] do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos as determinações as mais simples [...]. O concreto é concreto porque é síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso (MARX, 2000, p. 39).

O concreto não é o fato aparente, demonstrado no real. O concreto depende da compreensão das diversas determinações que envolvem a realidade, procurando estabelecer as suas relações centrais. Dessa forma, “[...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto, *não é senão a maneira de proceder do pensamento* para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado” (MARX, 2000, p. 40, grifo do autor).

O segundo aspecto que constitui o Materialismo Dialético são as categorias. As categorias possuem um duplo aspecto indissociável. Elas são

ao mesmo tempo lógicas e históricas. Em seu sentido lógico, as categorias aparecem de maneira efetiva a partir dos atos do pensamento.

[...] como totalidade de pensamentos, como um concreto de pensamentos, é de fato um produto do pensar, do conceber, não é de modo nenhum o produto do conceito que pensa separado e acima da intuição, e da representação, e que se engendra a si mesmo, mas da elaboração da intuição e da representação em conceitos. O todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamentos, é um produto do cérebro pensante [...] (MARX, 2000, p. 40).

Esta primeira condição na construção das categorias, demonstra que não basta que a mesma seja apenas definida aprioristicamente, ela é fruto dos pensamentos, de certa organização lógica e se movimenta das intuições e representações aos conceitos. É uma construção cerebral, uma análise do cérebro pensante. Por outro lado, as categorias são também históricas.

A categoria mais simples aparece, pois, como relação de comunidades mais simples de famílias ou tribos, em comparação com a propriedade. Na sociedade mais desenvolvida, aparece como a relação mais simples de um organismo mais desenvolvido, mas é sempre pressuposto o substrato mais concreto, cuja relação é a posse (MARX, 2000, p. 40-41, grifo nosso).

A construção das categorias em seu aspecto histórico demonstra o seu processo de desenvolvimento. No caso da citação, as categorias simples como as relações das comunidades com a posterior sociedade, em nível mais complexo se dá pelo componente concreto da relação, neste caso específico, a posse. Todavia, a construção das categorias, da sua lógica e de

sua historicidade apresenta, também, a relação entre o simples e o complexo.

[...] as categorias simples são a expressão de relações nas quais o concreto pouco desenvolvido pode ter se realizado sem haver estabelecido ainda a relação ou o relacionamento mais complexo, que se acha expresso mentalmente na categoria mais concreta, enquanto o concreto mais desenvolvido conserva a mesma categoria como uma relação subordinada [...]. Nessa medida, o curso do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao complexo corresponde ao processo históricos efetivo (MARX, 2000, p. 41).

O terceiro aspecto é a relação entre a totalidade e a particularidade. Uma das principais formas de se discutir a relação é por meio do trabalho. Esta é uma categoria que possui um elemento de totalidade, pois, ele é um componente ontológico do ser humano, contudo, por outro lado, possui particularidades dentro do modo de produção capitalista como trabalho assalariado⁵.

A indiferença em relação ao trabalho determinado corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos podem passar com facilidade de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho é fortuito, e, portanto, é-lhes indiferente. Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, deixando, como determinação, de se confundir com o indivíduo em sua particularidade (MARX, 2000, p. 42-43).

Nesse caso, a realização do trabalho na relação estabelecida entre o que é o labor particular do indivíduo e a totalidade a sua realização enquanto

⁵ Para maiores detalhes, ver Marx (2010b).

um componente capaz de gerar a riqueza de uma nação, é por si só dialética, pois, por um lado é contraditória, por outro, se complementam. Finalmente, como última relação do ponto de vista do método, será apresentada a relação entre o mais e o menos desenvolvido.

A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada de produção [...]. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco[...]. A Economia burguesa oferece a chave da Economia da Antiguidade etc. (MARX, 2000, p. 43).

Do ponto de vista da organização histórica da Economia, da produção e da reprodução das condições de existência, a sociedade burguesa, apresenta os elementos desenvolvidos a partir da Antiguidade. Entretanto, o que se via, por exemplo, na Grécia Antiga ou no Império Romano, está longe de ser o que se entende por economia na atualidade. Assim, será apresentada em seguida, algumas das discussões sobre o corpo.

Primeiro, deve-se considerar o ser humano como um ser genérico, o qual faz dos objetos, a expressão da relação consigo mesmo, portanto, um ser universal. Desse modo, há um vínculo entre o ser humano do ponto de vista físico (orgânico) e a natureza, como seu corpo inorgânico.

A vida genérica, tanto no homem quanto no animal, consiste fisicamente [...], nisto: que o homem (tal qual o animal) vive da natureza inorgânica, e quanto mais universal o homem [é] do que o animal, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica da qual ele vive [...]. Fisicamente o homem vive somente destes produtos da natureza, possam eles aparecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação etc. (MARX, 2010a, p. 84, grifo nosso).

Por outro lado, esta dimensão física do corpo humano, por meio da qual ele vive, está em relação direta com o seu corpo inorgânico, a natureza, sem a qual, a sua existência se torna inviável. Continua Marx (2010a, p. 84):

Praticamente, a universalidade do homem aparecer precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo *inorgânico*, tanto na medida em que ela é 1) um meio de vida imediato, quanto na medida em que ela é o objeto/matéria e o instrumento da sua atividade vital. A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é o corpo humano. O homem *vive* da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois, o homem é uma parte da natureza (Grifos do autor).

O corpo se constitui entre a particularidade e a totalidade, entre a dimensão física e inorgânica do corpo. Nas condições de trabalho postas na particularidade da sociedade capitalista, o corpo como o *locus* de existência da força de trabalho, único meio de subsistência da classe trabalhadora, se converte na única mercadoria que ele pode trocar por salário. Este fato pode ser explicado por algumas passagens presentes, em “*O Capital*” (MARX, 2011, p. 66).

Sem dúvida, a própria força humana de trabalho tem de atingir certo desenvolvimento, para ser empregada de múltiplas formas. O valor da mercadoria, porém, representa o trabalho humano simplesmente, dispêndio de trabalho humano em geral [...]. Trabalho humano mede-se pelo dispêndio da força de

trabalho simples, a qual, em média, todo homem comum, sem educação especial, possui em seu organismo.

Compreender esse processo é refletir sobre a possibilidade de o corpo tornar-se mercadoria. Em uma passagem, Marx (2011) diz que a força de trabalho só se torna valor a partir do momento em que é cristalizada no objeto. Todavia, o corpo também depende de trabalho para atingir certo nível de desenvolvimento, para garantir as suas condições de educação, saúde, força, atividade e grau médio de capacidades e habilidades. Só assim, ele é capaz de trocar o “*quantum de trabalho*” em troca de salário, haja vista, ser o corpo a “carcaça do tempo” (MARX, 2010b).

Finalmente, é importante considerar que o homem só se reconhece como tal na relação com o outro. Afirma Marx (2011, p. 74-75):

O homem se vê e se reconhece primeiro em seu semelhante, a não ser que já venha ao mundo com um espelho na mão ou como um filósofo fichtiano para quem basta o “eu sou eu”. Através da relação com o homem Paulo, na condição de seu semelhante, toma o homem Pedro consciência de si mesmo como homem. Passa então, a considerar Paulo – com pele, cabelos, em sua materialidade paulina – a forma em que se manifesta o gênero homem.

1.4. A Pós-Modernidade e o discurso sobre o corpo

Finalmente, chegamos à análise da perspectiva Pós-Moderna. Para este item, será apresentada uma definição do que seja a Pós-Modernidade (que se caracteriza também como pós-estruturalista, pós-crítico, giro linguístico, entre outros) na visão de Lyotard (2009).

Neste caso, o foco é apresentar o que o autor apresenta como o início deste período e de maneira sintética, quais são as principais características da ciência neste movimento. Como esta é uma fundamentação para a

compreensão dos paradigmas epistemológicos adotados nas revistas da Educação, a ideia de Pós-Modernidade será descrita, sem a intenção de lhe tecer críticas em princípio.

[...] o saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Esta passagem começou desde pelo menos o final dos anos 50, marcando para a Europa, o fim de sua reconstrução (LYOTARD, 2009, p. 3).

De acordo com este autor, o início deste período é marcado pelo momento após a Segunda Guerra Mundial e as características desta reorganização passam, entre outras coisas, pela construção de uma nova forma de se pensar a ciência, apesar de este ser um conhecimento considerado importante para a consolidação dos estados-nação. Para Lyotard (2009, p. 3):

O saber científico é uma espécie de discurso. Ora, pode-se dizer que há quarenta anos as ciências e as técnicas ditas de vanguarda versam sobre a linguagem: a fonologia e as teorias lingüísticas [sic!], os problemas da comunicação e a cibernética, as matemáticas modernas e a informática, os computadores e suas linguagens, os problemas de tradução das linguagens e a busca de compatibilidades entre linguagens-máquinas, os problemas de memorização e os bancos de dados, [...] (Grifo nosso).

É interessante identificar, o fato de a ciência não se consolidar mais por métodos, procedimentos, objetos de pesquisa ou formas de saber, mas, pela organização de discursos, o que se aproxima muito da ideia também defendida no campo acadêmico como é o caso do “giro lingüístico” ou “giro hermenêutico” (FENTERSEIFER, 2011; BRACHT; ALMEIDA, 2011).

A Pós-Modernidade se caracteriza ainda pela compreensão de que o saber científico configura um dos tipos de saber presentes na sociedade, uma narrativa com objetivos competitivos e que seguem regras específicas para que as verdades possam ser comunicadas. Desse modo, a ciência se envolve em um jogo de linguagens, o qual apresenta três características centrais.

Três observações precisam ser feitas a respeito dos jogos de linguagem. A primeira é que suas regras não possuem sua legitimação nelas mesmas, mas constituem objeto de um contrato explícito ou não entre os jogadores [...]. A segunda é que na ausência de regras não existe jogo, que uma modificação, por mínima que seja, de uma regra, modifica a natureza do jogo, [...]. A terceira observação acaba de ser inferida: todo enunciado deve ser considerado como um “lance” feito num jogo.

Esta última observação leva a admitir um primeiro princípio que alicerça todo o nosso método: é que falar é combater, no sentido de jogar. e que os atos de linguagem provêm de uma agonística geral. Isto não significa necessariamente que se joga para ganhar (LYOTARD, 2009, p. 17).

Um dos pontos centrais no debate sobre a ciência na perspectiva Pós-Moderna é que a narração, a linguagem adotada leva a uma pragmática, a qual não é construída apenas pelos cientistas, bem como, pelos relatos populares, o qual atribui propriedade ao saber tradicional. “O importante nos protocolos pragmáticos desta espécie de narração é que eles marcam a identidade de princípio de todas as ocorrências do relato” (LYOTARD, 2009, p. 41).

A ideia de ciência construída na perspectiva da Pós-Modernidade, de acordo com Lyotard (2009, p. 47) é que um “[...] enunciado de ciência não extrai nenhuma validade do que é relatado”. No processo de equivalência de saberes, mesmo sendo a ciência um conhecimento importante, as narrativas

presentes, sobretudo nas ciências humanas e sociais, aparentemente, tornam-se equivalentes a qualquer outro discurso presente na sociedade.

Considerando então a ideia de que os saberes científicos são pautados nos discursos, serão apresentadas algumas visões de corpo dentro da lógica Pós-Moderna. Como o principal foco apresentado perpassa os aspectos relacionados ao discurso, às linguagens, às narrativas, será usado como autor de referência para este diálogo, o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Apesar de o corpo atravessar alguns de seus livros, neste texto, o diálogo será feito a partir da *“Microfísica do Poder”* (FOUCAULT, s. d.).

Para iniciar, é importante destacar um comentário realizado por Foucault (s. d., p. 47):

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. *O corpo é uma realidade biopolítica* (Grifo nosso)

Esta primeira passagem sobre o corpo, considerando que este filósofo pensa os processos de controle da sociedade sobre o indivíduo, nas diferentes maneiras de se manter a disciplina, a ordem e organizar a sociedade de acordo com os novos objetivos e os novos saberes. Um destes saberes tem a ver com o poder estabelecido sobre o corpo:

O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. E a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico (FOUCAULT, s. d., p. 84).

Este saber sobre o corpo, enquanto um elemento fisiológico, orgânico, advém da lógica científica presente nos séculos anteriores, (séc. XVII;

XVIII), contudo, o conhecimento e mesmo as práticas de controle que atuam para além do orgânico, atingem a vida, a moral e a forma de ser das pessoas, configuram também novos discursos. Destaca-se também o fato de o local de desenvolvimento dessa disciplina passar pela escola e pelas forças armadas. “*Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder*” (FOUCAULT, s. d., p. 103, grifo nosso).

É nos discursos que se constituem os novos indivíduos, se transmite o poder e se consolidam os modelos de sociedade. Porquanto, é “[...] em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana” (FOUCAULT, s. d., p. 74). Enfim, é o discurso que constitui o corpo no movimento Pós-Moderno.

2. Apresentando o percurso da pesquisa

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caráter bibliográfico, uma análise documental, considerando os artigos publicados em periódicos brasileiros da área da Educação, classificados como A-1. Para se chegar aos periódicos a serem analisados se acessou a plataforma Sucupira da CAPES, considerando-se o quadriênio 2013-2016, pois, o Qualis é um procedimento bibliométrico feito *à posteriori*. Ao todo, foram identificados 121 periódicos.

Após este levantamento, foram excluídos todos os periódicos publicados no exterior, independentemente do idioma de publicação do mesmo. Nesta segunda etapa, foram identificadas 66 revistas que atendiam aos critérios de inclusão. Finalmente, na terceira etapa, excluiu-se ainda as revistas com título em português, mas, publicadas em outros países, aquelas que não apresentavam nenhum texto relacionado ao objeto da pesquisa, bem como, aquelas que apresentavam dois números do ISSN (em Inglês,

Interational Standard Serial Number). Optou-se por analisar as versões *on line*, já que, é possível ter acesso aos artigos na íntegra.

Assim, chegou-se ao número final de 32 revistas. Em todas elas, usou-se como critério de busca, a palavra-chave “corpo”. Assim, foram identificados 715 textos publicados entre 2001 e 2018. Depois, o termo “corpo” deveria aparecer no título, no resumo ou entre as palavras-chave, eliminando-se os textos que isso não acontecia. Desse modo, foram identificados 445 textos, que correspondem a 62,24% do total. Para todas as revistas foram feitas uma análise quantitativa, bem como, foram selecionados 30 artigos para se fazer uma análise qualitativa, a partir de uma amostragem aleatória. Destes foi feita uma análise epistemológica a partir da Matriz Paradigmática (MAPA) proposta por Sanchez Gamboa (2017).

3. Pontos Centrais dos Resultados

Entre 2001 e 2018, a temática do corpo apresentou uma ampliação nos seus debates, indo de 66 artigos nos primeiros seis anos (2001-2006) e chegando a 205 artigos de maneira mais recente (2013-2018). Todavia, o período de maior crescimento foi entre 2007-2012 com 174 textos publicados. Neste momento houve um acréscimo de 24,49%, enquanto no período posterior, o aumento foi de 7,26%. O segundo dado diz respeito à origem dos autores brasileiros.

Tabela 1: Distribuição dos textos publicados de acordo com a região.

Regiões	Frequência	Percentual
Centro-Oeste	31	7,0
Nordeste	52	11,7
Norte	6	1,3
Sudeste	179	40,2
Sul	121	27,2
Total	389	87,4

Fonte: Elaboração Própria

Na tabela 1, verifica-se a origem dos textos de acordo com a região. A região sudeste contribui com 40,2% dos textos e a região sul com 27,2% dos mesmos. Isso significa que o eixo sudeste-sul é o principal responsável pelo debate a respeito do corpo dentro das revistas nacionais. A terceira região mais produtiva sobre o tema é a região nordeste. No estudo de Vilarinho Neto et al (2011), realizado com os anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, a Região Nordeste é a que possui maior produção sobre o tema.

Na tabela 2, serão apresentados os paradigmas epistemológicos analisados nos 30 textos avaliados.

Tabela 2: Paradigma Epistemológico identificado nos trabalhos analisados qualitativamente

Paradigma Epistemológico	Frequência	Percentual
Fenomenologia	10	33,3
Materialista Dialética	01	03,3
Positivista	04	13,3
Pós-Moderna	15	50,0
Total	30	100,0

Fonte: Elaboração Própria

Do ponto de vista epistemológico, destaca-se o fato de que a produção analisada, apresenta predominância do Movimento Pós-Moderno nos textos que discutem o corpo, com 50% do total de trabalhos analisados. Esse movimento vem seguido da Fenomenologia, com 33,3%, pelo Positivismo com 13,3% e pelo Materialismo Dialético com apenas 03,3%. Na pesquisa realizada por Sanchez Gamboa sobre a produção do conhecimento em Educação Física no Nordeste brasileiro, entre dissertações e teses, adotando a terminologia usada por ele, 52,59% são empírico-analíticas; 33,25% são fenomenológicas-hermenêuticas; 11,79%, crítico-dialéticas e apenas 1,65% de pós-críticas. Apesar de ser necessário um aprofundamento em relação a

outros estudos sobre corpo, os dados presentes aqui destoam significativamente destes achados.

Entre as concepções de corpo apresentadas no movimento Pós-Moderno na pesquisa, será demonstrado um trecho:

“[...] a criança é feito do que dizem dela; seu corpo é feito de linguagem. Além disso, há um imenso desconhecimento com relação ao que já se chamou de deficiência mental, de restrições cognitivas, e que se poderia dizer melhor talvez com ‘cognição interrogada’, que ao menos nos coloca na posição de quem não sabe” (VERAS, 2008, p. 150, grifo nosso).

Neste trecho, exemplifica-se assim como na análise de Foucault (s. d.) a construção do corpo por meio do discurso (linguagem), ou seja, se constitui o corpo dessa criança a partir daquilo que se diz dela.

É possível ainda que a produção sobre o corpo nas revistas brasileiras da Educação tenha características próprias, ao que tudo indica, caracterizando uma relação próxima com a lógica do movimento Pós-Moderno, o qual pode ser mais bem analisado, avaliando uma quantidade maior de artigos do ponto de vista qualitativo.

Conclusão

Ao concluir o texto, embora tenha sido necessária uma revisão de literatura um pouco mais longa para os propósitos aqui apresentados, foi possível identificar uma característica não prevista inicialmente – a de que o movimento Pós-Moderno assumiria a maior parte dos textos analisados qualitativamente. Considerando os artigos presentes no banco de dados, é possível ainda avaliar as demais produções para se verificar se esta é uma tendência em todos os textos, além de procurar localizar se há um avanço deste movimento ao longo do tempo, sobremaneira, considerando a tese inicial de que a Fenomenologia seria predominante nestes estudos no Brasil.

Quanto aos resultados vinculados à região de origem dos artigos, vale destacar a predominância do eixo Sul-Sudeste, o qual deve se justificar pela proporção de Universidades e Programas de Pós-Graduação em Educação.

Finalmente, apesar dos limites do texto, o tema é candente e os estudos bibliométricos e cienciométricos, certamente, contribuirão para novas análises sobre a temática.

Referências

ANDRADE, F. C. B. de; SILVA, A. P. dos S. “Com o corpo tremendo”: expressões corporais de sofrimento psíquico de docentes em contexto de conflitos relacionais na sala de aula. 38ª Reunião Anual da ANPED, São Luis, Out. 2017. *Anais...* São Luis: ANPED, 2017, p. 1-17.

ASSIS, R. M. de; GONÇALVES, V. O. (Org.). *Educação Física e Educação: práticas, saberes e discursos*. Curitiba: CRV, 2016, v. 1.

BOOM, A. M. ¡Ya no estás en la casa! Tecnologías de la escolarización. *Hist. Educ.*, v. 16, n. 38, p. 17-42, Dic. 2012.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRACHT, V. ALMEIDA, F. Q. de. A virada pragmática e a educação: implicações do debate entre Richard Rorty e Jürgen Habermas. In: CHAVES-GAMBOA, M.; SANCHEZ GAMBOA, S. (Org.). *Teorias e pesquisas em educação: os pós-modernismos*. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 39-62.

CANGUILHEM, G. *Escritos sobre Medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CHAVES-GAMBOA, M.; SANCHEZ GAMBOA, S.; TAFFAREL, C. (Org.). *Produção do conhecimento na educação física no nordeste brasileiro: o impacto dos sistemas de pós-graduação na formação dos pesquisadores da região*. Campinas: Librum Editora, 2017.

COMTE, A. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENGELS, Friedrich. *Dialética da natureza*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FENTERSEIFER, P. E. Giro Hermenêutico. In: CHAVES-GAMBOA, M.; SANCHEZ GAMBOA, S. (Org.). *Teorias e pesquisas em educação: os pós-modernismos*. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 19-37.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. s. l.: Sabotagem, s.d. Disponível em: www.sabotagem.cjb.net. Acesso: 15 maio 2019.

GOBBO, A. (Org.). *A Educação em Tempos de Revolução das Máquinas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

GONÇALVES, Maria A. S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994.

GUYTON, A. C. *Fisiologia Humana*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

HUSSERL, E. *A ideia de fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LYOTARD, J.-F. *A condição pós-moderna*. 12. ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MARX, K. *Introdução à crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 23-48. (Coleção Os Pensadores).

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. 4ª Reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, livro 1, v. 1.

MARX, K. *Trabalho Assalariado e Capital & Salário, preço e lucro*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. 4ª Reimpressão, São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MEDEIROS, Mara. *Didática e prática de ensino da educação física: para além de uma abordagem formal*. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MOGARRO, M. J. O modelo pedagógico da escola oficina nº 1: corpo, regras e práticas no cotidiano de uma instituição alternativa. *Cad. CEDES*, v. 38, n. 104, p. 63-74, Abr. 2018.

PICH, R. H. Thomas Reid sobre concepção, percepção e relação mente-mundo exterior. *Revista Eletrônica Veritas*. Porto Alegre: PUCRS. v. 55, n. 2, p. 144-175, maio/ago. 2010.

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Rideel, 2005.

SACARDO, M. S.; SILVA, R. H. dos R. ; SANCHEZ GAMBOA, S. . As análises epistemológicas na educação física: redescrivendo às redescritões? não! apenas aproveitando o ensejo da crítica. In: CHAVES-GAMBOA, M.; SANCHEZ GAMBOA, S. (Org.). *Produção do conhecimento na educação física: balanços, debates e perspectivas*. Maceió: EDUFAL, 2015, p. 79-93.

SANCHEZ GAMBOA, S. As diversas formas do conhecimento: bases histórico-filosóficas da pesquisa em educação. *Filosofia e Educação*, Campinas, v. 9, n. 3, p. 120-148, out. 2017-jan. 2018.

SANCHEZ GAMBOA, S. Métodos mistos nas análises epistemológicas: balanço da produção do conhecimento em educação física no nordeste brasileiro (1980-2013). In: CHAVES-GAMBOA, M.; SANCHEZ GAMBOA, S.; TAFFAREL, C. (Org.). *Produção do conhecimento na educação física no nordeste brasileiro: o impacto dos sistemas de pós-graduação na formação dos pesquisadores da região*. Campinas: Librum Editora, 2017, p. 26-37.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERAS, Viviane. "Ser diferente é normal?". *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 8, p. 140-153, nov. 2008.

VILARINHO NETO, Sissília et al. A produção sobre corpo, saúde e estética: primeiras aproximações sobre os anais do CONBRACE (1997-2009). 17º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 4º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Porto Alegre, 11 a 16 setembro de 2011. *Anais...* Porto Alegre: CBCE, 2011, p. 1-15.

ZOBOLI, F. *Cisão corpo mente: espelhos e reflexos na práxis da educação física*. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

Submetido em: 15/08/2019

Aceito em: 15/09/2019

Publicado em: 30/10/2019